

A EXISTÊNCIA DO RESÍDUO AUDITIVO E SUA IMPORTÂNCIA NO TRABALHO COM CRIANÇAS EM ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL

Mônica A. de Carvalho Campello¹

Durante treze anos desenvolvi um trabalho utilizando a música e a dança com alunos surdos, através da estimulação sistemática do resíduo auditivo, e com o objetivo de facilitar a aquisição da linguagem, na modalidade oral da língua portuguesa. Essa experiência profissional foi deveras enriquecedora, fazendo-me repensar bastante a minha postura e minha prática, frente a esse novo aprendizado que meus alunos surdos me possibilitaram vivenciar.

ESTIMULAÇÃO SISTEMÁTICA DO RESÍDUO AUDITIVO?

“Toda criança surda (exceto raríssimas exceções) possui restos auditivos, mesmo que sejam bem pequenos. Estes restos auditivos podem ser utilizados para a educação dessa criança” (G. Perdoncini)

Estudos mostram que a capacidade que possuímos de diferenciar os parâmetros básicos do som — intensidade (forte/fraco), duração (longo/breve), e frequência (grave/agudo) — permanecerá intacta apesar do grau da perda auditiva, ou seja, esta não é afetada pela surdez. Em conseqüência disso, o papel da educação auditiva, no processo clínico e educacional torna-se fundamental e necessário.

“...o meio sonoro completa, explica, exprime o “meio” visual. Os dois desenvolvem-se em harmonia e contribuem para o desenvolvimento da vida psicossomática da criança que ouve normalmente. Ao contrário disso, a criança surda profunda não adquire naturalmente o conhecimento do meio sonoro, sendo necessário que sua existência lhe seja revelada para que ela o conheça e a ele possa integrar-se.

Uma análise elementar mostra que lhe falta o sentido auditivo e a função auditiva. Assim, antes de utilizar a audição, no sentido do uso audiofonatório, será conveniente usar exercícios auditivos sempre ligados ao meio visual. Pode-se constatar que uma criança adquiriu o conhecimento do sentido auditivo no momento que começou a reagir a qualquer solicitação sonora, não ainda de reconhecimento, mas de existência dos sons” (G. Perdoncini, A. Couto-Lenzi, *Audição é o futuro da criança surda*, 1996).

Desenvolver esse potencial residual auditivo no surdo sempre foi uma questão básica e norteadora do trabalho durante meus atendimentos. Se o surdo possui essa capacidade, por que deixá-la de lado? Por que ignorá-la, se ela possibilitará sua inserção no mundo sonoro?

A crença nessa possibilidade partiu da minha própria prática com surdos porque, inicialmente, confesso que me pareceu deveras estranho trabalhar a “audição” naqueles que não “ouvem”. Por isso me sinto à vontade em falar sobre isso, pois através dessa vivência, a partir da minha descrença, tive a oportunidade de ensinar, aprender e me emocionar muito com a força desses alunos e com esse potencial que antes eu desconhecia.

¹ Fonoaudióloga, Pós-graduada em Audiocomunicação. Especialização no Método Perdoncini de Educação Auditiva. Diretora Proprietária durante 13 anos do CDEDA — Centro de Dança e Estudo do Deficiente auditivo, do Rio de Janeiro. Atualmente Chefe da Divisão de Estudos e Pesquisas do Departamento de desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico do INES. E.mail: monicaac@gbl.com.br

Uma das experiências profissionais mais enriquecedoras que tive foi na estimulação precoce do INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS, onde atendi crianças de 02 a 04 anos e seus responsáveis. Sempre acreditei que os pais dessas crianças têm que ser esclarecidos o mais precocemente sobre a surdez de seus filhos. Sempre tive como conduta colocá-los, durante os atendimentos, comigo e inseri-los muitas vezes como “terapeutas”, num jogo de faz-de-conta nos atendimentos fonoaudiológicos realizados.

POR QUE ESSA PARTICIPAÇÃO CONSTANTE DOS PAIS?

Os responsáveis têm que conhecer todas as possibilidades que seus filhos possam ter e porque também, segundo seus próprios relatos, geram uma angústia muito grande, os 45 minutos em que seus filhos, “sozinhos”, ficam dentro da sala do fonoaudiólogo. Um pai esclarecido e conhecedor dos resultados alcançados por seu filho durante o atendimento, torna-se um grande aliado no processo educativo e uma garantia a mais para o sucesso e o desenvolvimento do trabalho.

Como o trabalho auditivo é básico no atendimento, ele deve ser explicado ao responsável e deve ser iniciado o mais precocemente possível. Alguns pais, cujos filhos tinham surdez profunda, ficaram, inicialmente, discrentes, porém bastante esperançosos com os esclarecimentos.

Um fato que merece destaque é que a grande maioria dos alunos na educação precoce ganhou aparelho de amplificação sonora individual (AASI), num programa da rede pública estadual, e sua adaptação foi realizada pelas profissionais da Divisão de Audiologia do INES. Todos se beneficiaram muito com isso, já que o aparelho possibilita a amplificação do som, permitindo que a criança o perceba, através do que restou de sua audição. Isto possibilitará a educação auditiva, que, por sua vez, irá transformar essa audição residual em uma audição funcional.

A adaptação precoce também vai possibilitar a melhoria dos limiares auditivos, evitando prejuízos pedagógico e intelectuais significativos.

O trabalho de educação auditiva requer muita dedicação, além de tempo e paciência necessários para o treino da audição; ele não é tão difícil quanto parece. Seguindo etapas distintas, deveremos “levar o som” ao aluno por todos os meios: falando, cantando, chamando a atenção para os ruídos do ambiente que o cerca e sempre procurando mostrar a fonte de onde provém.

Pude observar que o trabalho com música desperta sensações e facilita o desenvolvimento do ritmo, tão necessário para uma boa emissão e inteligibilidade da fala. Se a princípio um aluno demonstra não perceber o som, não devemos desanimar, pois a “audição passiva” — fase em que apresentamos o som para o aluno, sem esperar uma resposta auditiva, só observando suas reações — é o início de todo um trabalho de conscientização do sentido auditivo, base para o desenvolvimento da função auditiva e, por isso, de extrema importância no contexto desse trabalho.

Este treinamento auditivo relatado a seguir — primordial nos atendimentos da educação essencial — deverá ser realizado de acordo com as etapas do desenvolvimento da percepção auditiva, respeitando as condições de cada criança, suas potencialidades e limitações. Junto à audição, deveremos utilizar também exercícios corporais — psicomotores —, vocalizações espontâneas — sempre de acordo com a fase evolutiva do aluno e através de atividades lúdicas, que tornarão mais prazeroso o atendimento. É importante lembrar que toda ação realizada deverá ser sempre acompanhada de linguagem e, para que a criança possa usufruir em sua totalidade do treinamento auditivo faz-se necessário que utilize constantemente seu aparelho de amplificação sonora individual (AASI), pois só assim, aliado a esse trabalho sistemático de educação auditiva, conseguiremos obter satisfatoriamente os primeiros resultados.

ETAPAS DE TRABALHO AUDITIVO:

CONSCIENTIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA DO MUNDO SONORO (AUDIÇÃO PASSIVA)

Nesta fase, conforme já foi dito anteriormente, deveremos oferecer diversos sons ao aluno sem ansiarmos por uma resposta, pois é comum que, de início, não haja reação e nem respostas claras e objetivas. Poderemos oferecer brinquedos e jogos diversos, coloridos e, principalmente, sonoros para que a criança manuseie e brinque. Apesar de não esperarmos respostas é instintivo, como profissionais ouvintes, nos “assustarmos” ou demonstrarmos que ouvimos, com um movimento brusco, um simples arregalar de olhos ou sorrisos, o barulho que foi produzido pela criança. Na prática, observa-se que essas reações provocavam no aluno um ligeiro “susto” também, o que vinha acelerar o surgimento da segunda etapa do trabalho, onde o aluno já demonstrava perceber conscientemente a existência de um barulho, de um som. Tratava-se, vamos dizer, de uma reação em cadeia: som ➔ reação do fonoaudiólogo ➔ reação da criança ➔ risos, pois para ela fazia parte de uma gostosa brincadeira.

Exemplos de atividade:

- Falar junto ao ouvido da criança, com voz natural, como as mães dos ouvintes fazem.
- Contar história, conversar naturalmente.
- Cantar canções diversas e dançar com a criança.
- Utilizar instrumentos musicais diversos com frequências também diversas, mas sempre manusear mais aqueles que tenham frequências mais graves — como tambor e o atabaque, pois é geralmente nessas frequências que existe o resíduo.
- Oferecer música tocada em diferentes fontes como rádio, fita, televisão, cd...



“...mais importante do que a atividade em si mesma, é a forma como esta deve ser apresentada à criança. No início da educação auditiva a criança não deve ser solicitada a realizar uma atividade, como uma tarefa a ser cumprida. Se, para o profissional, é uma atividade com o objetivo bem definido, para a criança deverá ser, apenas, uma brincadeira...”(G. Perdoncini, A. Couto-Lenzi, *Audição é o Futuro da Criança Surda*, 1996)

A partir dessa conscientização da existência de um mundo tão rico em sons, é que o surdo vai começar a desenvolver sua audição residual.

PRESENÇA E AUSÊNCIA DO SOM:

Quando o aluno começa a demonstrar reações causadas pelos sons que estão sendo oferecidos, poderemos iniciar o trabalho voltado para a percepção da existência ou não do som. Agora, de forma consciente, o aluno deverá responder aos estímulos sonoros que lhe estão sendo oferecidos. Quando iniciamos essa etapa, procuramos utilizar sons que a criança já tenha demonstrado perceber auditivamente na etapa anterior, pois são sons que ela já conhece auditivamente.

Exemplos de atividades:

- Realizar um movimento corporal ao ouvir um som — pular, dançar, correr e parar quando deixá-lo de ouvir. Gostava muito de fazer circuitos (2 a 3 estágios de atividades onde a criança só passa para o próximo, após ter conseguido realizar o anterior) na sala para que a criança se sentisse estimulada em realizar a tarefa.
- Encaixar uma peça de um jogo a cada som percebido — neste exercício trabalha-se

com instrumento com sons graves e utiliza-se jogos de percepção visual como o “caixa-encaixe”, possibilitando uma estimulação global do aluno (percepção auditiva, percepção visual, coordenação motora fina...). É importante frisar que o nosso entusiasmo, assim como do responsável que estará acompanhando o atendimento, é um fator facilitador para a participação integral do aluno.

- Desenhar ou pintar, enquanto uma música é tocada e parar quando esta cessar.
- Colocar objetos em uma sacola a cada som que ouvir. Sugiro que nesta atividade sejam utilizados pequenos objetos que sempre deverão ser nomeados quando manuseados de forma natural.
- Repetir sons vocais como: a-----, o-----, u-----
- Andar em direção à fonte sonora (a direção do som deve ser sempre estimulada).

A percepção do som/silêncio é uma etapa importante a ser vencida, para que o aluno consiga chegar à percepção auditiva da sequência da fala, pois, quando falamos, intercalamos sons e silêncios, e isso é fundamental para sermos compreendidos.

DISCRIMINAÇÃO DOS PARÂMETROS BÁSICOS DO SOM: DURAÇÃO, INTENSIDADE E FREQUÊNCIA.

Quando a educação auditiva acontece de forma sistemática e é bem orientada, o aluno aprenderá a discriminar com facilidade a duração, da intensidade e da frequência, o que apenas visualmente seria difícil de acontecer.

Um dos objetivos do trabalho de estimulação auditiva é facilitar a aquisição da modalidade oral da língua. Então, torna-se de extrema importância que os parâmetros básicos do som sejam desenvolvidos de forma consciente e cautelosa. São eles que possibilitam que o surdo consiga adquirir uma boa pronúncia, uma emissão melódica com ritmo e entonação, garantindo assim a inteligibilidade e harmonia da fala.

DURAÇÃO (SONS LONGOS E BREVES)

Nossa língua possui um ritmo intenso. Nós falamos alternando sílabas tônicas (longas) com átonas (breves), e devemos levar a criança a perceber auditivamente isso. Está comprovado que a inteligibilidade da fala está relacionada, principalmente, com a correta melodia na emissão das palavras; muito mais, do que com a emissão teoricamente correta dos fonemas.

Inicialmente devemos associar a duração do som com movimentos corporais, para depois passarmos para uma representação gráfica.

Exemplos de Atividades:

- Ao ouvir um som longo a criança deverá levantar seu braço esquerdo e ao perceber um som breve deverá “balançar” seu dedo indicador com o braço esquerdo flexionado (esse código de braços foi criado pelo Dr. Perdoncini, para que o aluno pudesse demonstrar corporalmente o que estava sendo percebido auditivamente).

É importante lembrar que em todas as atividades que serão desenvolvidas com a criança, o profissional, e/ou responsável que a acompanha, deverá servir de modelo, para que seja compreendida pela criança. Só depois ela a realizará, com o fonoaudiólogo, estando, então, pronta para realizá-la sozinha.

- Reproduzir sons longos e breves com um cazoo (o cazoo não é um instrumento musical; ele funciona como um amplificador da voz facilitando a percepção da melodia).
- Jogar bolas para além de uma linha ou dentro de uma caixa, emitindo sons prolongados e atirá-los próximo do aluno quando houver a emissão de um som breve.
- Passar a mão nos dedos da outra — como se fosse um carinho (e por que não?) enquanto vocaliza um som longo: a _____ po _____; e bater na ponta do dedo quando pronunciar um breve.

O objetivo final dessa etapa é chegar à voz, e mesmo uma criança com surdez profunda consegue aprender, e, assim discriminar palavras e frases, a partir da duração. Quando ela começa a perceber auditivamente a voz do outro, deverá ser estimulada a perceber a sua própria voz, o que contribui para que adquira uma melhor qualidade vocal.

INTENSIDADE (SONS FORTES E FRACOS)

Os sons oferecidos deverão ser bem distintos para que assim o aluno possa percebê-los. Nessa faixa etária, torno a lembrar, que tudo deve constituir uma grande brincadeira aos olhos da criança.

Exemplos de Atividades:

- Ao ouvir um som forte (F) andar batendo pesadamente os pés e ao ouvir o som fraco (f) andar suavemente.

Costumo associar neste exercício figuras de animais, por exemplo:

F _____ elefante  
f _____ formiga

- Sentados no chão, iremos levantar à proporção que o som for ficando mais forte e novamente sentar quando for ficando fraco.

Em todas as atividades descritas, e em todas as etapas, o responsável acompanhante participa ativamente.

- Executar movimentos específicos quando ouvir sons (F) e (f) :

Ex. : (F) ➔ bater palmas fortemente

(f) ➔ bater palmas levemente

(F) ➔ tocar um instrumento produzindo um som forte (tambor, atabaque, piano)

(f) ➔ tocar o mesmo instrumento produzindo um som fraco

- Descobrir entre 2 sons qual é o mais forte e levantar o cartão correspondente ao som ouvido:

F f

Devemos estar atentos quando formos utilizar o som fraco, pois este, para crianças com perda profunda, deve ser utilizado através de uma “batida” suficientemente forte para que a criança a perceba. Se não for dessa forma, a criança poderá identificar o som fraco como sendo ausência de som e então não estaremos desenvolvendo o parâmetro da intensidade.

Frequência (sons graves e agudos)

É muito importante termos o conhecimento prévio da audiometria do aluno, pois só assim poderemos saber em que frequências existem resíduos e que sons, inicialmente, poderemos trabalhar. Os sons devem ser oferecidos segundo as possibilidades da criança, para que, assim, não gere um sentimento de frustração, caso ela não consiga percebê-los. Os sons trabalhados devem ter frequências bem distintas para que assim possam ser melhor percebidos e ter o cuidado de que sejam oferecidos em intensidades que possam ser percebidas pela criança (de acordo com seu grau de perda).

Exemplos de atividades:

- Estender o braço esquerdo ao ouvir um som grave (tambor) e o direito quando ouvir um agudo (triângulo).

- Representar sons graves com material concreto na cor vermelha e agudos na cor verde (essas cores são simples convenções utilizados pelo Método Perdoncini).

Pude observar que, com crianças da estimulação essencial, a forma de desenvolver o parâmetro frequência variava conforme a maturidade do aluno trabalhado. Os resultados, às vezes, eram mais lentos, principalmente naqueles que possuíam perda profunda, sendo, também, devido ao fato de a criança ainda não estar madura o suficiente para perceber e discriminar com precisão. Isto é um fato observado, mas que, em momento algum, fez com que me desanimasse ou descreditasse da capacidade da criança. Pude constatar, também, que tudo era uma questão de tempo, e que o tempo é nosso grande aliado quando nos propomos a trabalhar com surdos.

Toda essa experiência aqui relatada, de forma resumida, me possibilitou a lembrança de uma emoção que tive quando (B.) de 03 anos, surdez profunda, repetiu melodicamente o que lhe foi dito sem o apoio da pista visual e bem perto de seu ouvido. A emoção de uma mãe ao ver seu filho (L.); também 03 anos, suposta perda severa pós meningite, que após trabalho intenso de educação auditiva, conseguiu cantar melodicamente uma música infantil que aprendeu na escola em que foi integrado; ou a agitação de (Y.), 04 anos, filho adotivo que a partir do carinho e dedicação de sua mãe —apesar do conhecimento posterior de ser ele surdo, não desistiu de acreditar no potencial de seu filho, agora “calmo” e com um nível de compreensão surpreendente; ou até mesmo a incapacidade de uma mãe ao tentar discriminar as diferenças trabalhadas numa música, que seu filho (J.) demonstrava perceber com exatidão.

Costumo dizer, em aulas, cursos e palestras que muito aprendi e continuo a aprender com esses meus “pequenos professores” e seus responsáveis “maravilhosos”, que procuram tirar força, garra, de onde julgamos nem mais existir. Deparar-se com a ‘notícia’, às vezes dada de maneira fria, de que seu filho é surdo e que jamais irá falar (?) com certeza abala qualquer pessoa. E, apesar desse veredito, eles resolvem enfrentar e lutar.

Acho que nós profissionais envolvidos no processo, que nos propusemos a trabalhar e acreditar nesse potencial, só temos que agradecer a oportunidade do grande aprendizado que nos é transmitido e vivenciado durante o trabalho com a criança surda.

Concluindo, estudos² recentes demonstram que surdos severos e profundos têm uma audição residual aproveitável, e que muitos desses surdos avaliados apresentaram restos de audição nas frequências até 2.000hz ou 4.000hz, ou seja, atingindo a área da palavra falada. Se existe então o resto auditivo nesta faixa de frequência e se já foi comprovado que a capacidade de percepção auditiva dos parâmetros básicos do som permanece intacta, apesar do indivíduo ter perda profunda, isso irá significar a possibilidade que o surdo tem de atingir os sons da fala, desde que seja feita a correta adaptação e utilização do AASI e que seja submetido a um trabalho intenso e sistemático de educação auditiva. Devemos nos conscientizar da existência e da importância do resíduo auditivo para o processo de educação. Quanto mais cedo iniciar esse trabalho, como na estimulação essencial, melhores serão os resultados e mais facilmente conseguiremos minimizar a grande exclusão social imposta às pessoas surdas, contribuindo, com esse aspecto de sua educação, para sua inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Perdoncini, G e Couto -Lenzi A — “A Audição é o Futuro da Criança Surda”, Rio de Janeiro, AIPEDA, RJ 1996.
- Couto, A — Como Posso Falar — Rio de Janeiro, Ed. Siciliano, 1990.
- Rigatto, C.S.P.; Moraes, Z.B. e Botoli, S.M. — Reabilitação da Fala e da Audição Através do Ritmo Musical — Paraná, Ed. Lovise, 1989.
- Mattos, C.L. — A Pré-Escola e o Método Perdoncini, 1996.
- Apostilas do Curso por Correspondência para Pais de Crianças Deficientes Auditivas, do CEPRE, Campinas — São Paulo.

² Couto-Lenzi, A. *Surdos Severos e Profundos: acesso à zona dos sons da fala*. Revista Espaço 11/99. INES.